

CEFAC

CENTRO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FONOAUDIOLOGIA CLÍNICA

LINGUAGEM

**O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DA
IMAGEM DE FALANTE DO ALUNO**

DANIELA LEITE GOMES

São Paulo

1998

CEFAC

CENTRO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FONOAUDIOLOGIA CLÍNICA

LINGUAGEM

**O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DA
IMAGEM DE FALANTE DO ALUNO**

**Monografia de conclusão do curso de
especialização em linguagem**

Orientadora: Mirian Goldenberg

Daniela Leite Gomes

São Paulo

1998

SUMMARY:

This study had with the principal objective to check the influence of the teacher in the formation of the image of the “talkative” of your student.

Beyond this purpose, also, to check what the knowledge which to check if the teacher is the important inside this infantil universe that has strong influence in this development of the language.

The teacher when establishes the relation of the communicate “no proper” with your student, can be to development or to reforce the image of yourself with the bad exemplo like “talkative” to verify the Silvia Friedman’s teory.

To verify that the teachers, many times, has difficult to recognize apropiatly “no fluent”, search this pathology with others or with “no fluent”, normal. Searchs show us that this “to stutter” is on of the pathologs that the have more difficult to determine.

To conclude that the teachers are the fundamental importance for the development to infantil language, but also for the formation of the image of the “talkative” in your student. So, they don’t have the necessary knowledge to contribute apropiatly for this development, specially for the “talkative’s image”.

1. INTRODUÇÃO:

Tomando a gagueira como objeto de estudo nesta pesquisa, alguns aspectos envolvidos neste tema me chamaram a atenção, porém, tendo optado por desenvolver uma pesquisa segundo uma abordagem psicossocial da gagueira, e por estar atuando em escola, onde pude perceber a importância que o professor tem na vida da criança, decidi estudar qual o papel deste profissional na formação da imagem de falante de seu aluno.

Sendo assim, nascem com este questionamento dúvidas quanto à formação do professor no que diz respeito ao desenvolvimento de linguagem, principalmente no que se refere ao seu papel neste processo. Qual o real conhecimento que este profissional tem sobre a gagueira? Será que ele tem conhecimento do seu papel dentro do processo de formação da imagem de falante do seu aluno? De como sua postura diante de prováveis disfluências que seus alunos possam apresentar irá influenciar, muitas vezes definitivamente, a formação desta imagem? E, ainda, como andam as atitudes dos professores diante de um aluno disfluente?

Também, dentro deste quadro, qual a responsabilidade que nós fonoaudiólogos temos enquanto profissionais que lidam com linguagem? Como anda nosso trabalho de prevenção à gagueira?

Devo esclarecer que mesmo tendo optado por desenvolver esta pesquisa dentro de uma perspectiva psicossocial da gagueira, tive de refletir sobre as outras formas de se pensar o tema, para, então, me definir realmente por esta, que melhor se encaixou para que fossem atingidos os objetivos desta pesquisa.

Por ser este um trabalho teórico, utilizei os dados levantados por outros autores como material de reflexão para minha análise.

Foi o meu trabalho junto à escola, ou mais especificamente, junto a professores o que me levou a ter interesse em desenvolver uma pesquisa sobre este assunto. Porém, no desenrolar de minha pesquisa bibliográfica para composição do tema, encontrei as razões mais relevantes que me fizeram prosseguir.

Percebi a escassez de trabalhos sobre gagueira, comparando-se com outros temas em fonoaudiologia, fato que algumas importantes fonoaudiólogas brasileiras também verificaram.

Gomes e Friedman (1996) relatam: “Observamos a escassa produção de pesquisas sobre o tema em nosso país, ao mesmo tempo em que as pesquisas que vêm de outros países são predominantemente organicistas , numa época em que parece haver uma concordância universal sobre o fato de que a compreensão do ser humano extrapola a dimensão orgânica”. Ribeiro (1997) confirma: “Esse complexo quadro de fala encontra-se cientificamente pouco explorado, apresentando, em comparação com outros quadros de problemas de linguagem, pequeno número de trabalhos e pesquisas, permanecendo ainda inúmeras questões a serem respondidas”.

Diante disso, esta pesquisa poderá contribuir com os estudos sobre a gagueira, trazendo benefícios à prática fonoaudiológica, levando o fonoaudiólogo, principalmente, a olhar para a questão preventiva na área de linguagem, assim como, a repensar também o seu papel diante das questões levantadas nesta pesquisa.

Lançando mão de minha experiência tanto profissional, como pessoal, acredito que os resultados desta pesquisa deverão apontar para o mau preparo do professor para lidar no seu dia-a-dia com a diversidade de comportamentos de fala e linguagem que as crianças possam apresentar, e, assim também, com a gagueira. O que, conseqüentemente, o leva a atuar de forma inadequada di

ante de situações que são de extrema importância para o desenvolvimento de qualquer criança.

Acredito que isto deva-se, em grande parte, à própria complexidade que envolve o assunto, mas, que também aconteça devido à má formação profissional em nosso país. O que não exclui nossa responsabilidade, enquanto fonoaudiólogos, que pouco estamos fazendo, quanto à prevenção, na área de linguagem.

2. DISCUSSÃO TEÓRICA:

Na década de 80 integrou-se à prática fonoaudiológica uma visão psicossocial de homem e de linguagem.

Compreendeu-se que o homem é influenciado pela história de seu meio, assim como também o influencia, e que ele se constrói nas relações sociais que vivencia em suas atividades práticas e de comunicação.

A linguagem passou, então, a ser compreendida como uma construção sócio-histórica que ao lado da atividade humana contribui para a formação da consciência do indivíduo. A constatação da existência de uma estreita relação entre o desenvolvimento da linguagem e o da consciência, foi fundamental para que o trabalho na clínica fonoaudiológica incorporasse as diferentes significações que o movimento da consciência pode revelar.

E é nesta perspectiva psicossocial que Friedman (1986), ao estabelecer uma relação, que ela aponta como lógica, entre as parcelas orgânica, psicológica e social da gagueira, antes apenas vistas de forma isolada pelas outras abordagens clássicas, revela a gênese da gagueira, sua manutenção e reprodução.

Segundo Friedman (1994) encontramos um movimento de consciência (que será descrito posteriormente) na base da produção e manutenção de uma fala com gagueira. Este movimento, junto a um padrão paradoxal de interação desenvolvido nas relações de comunicação com o indivíduo disfluente, está ligado ao desenvolvimento de uma imagem de mau falante.

Podemos perceber, de acordo com esta teoria psicossocial da gagueira, a importância de se compreender como se desenvolve a imagem de falante no

indivíduo, bem como, o que e quem está envolvido neste processo. E é com este intuito que esta discussão teórica será desenvolvida.

Gostaria de esclarecer que como é Friedman a autora desta teoria, esta pesquisa será fundamentada basicamente em seus estudos. Vindo a ser enriquecida por conceitos de outros autores, que mesmo não articulando suas idéias em torno desta teoria, acabam por relatar fatos que a confirmam.

2.1 - FORMAÇÃO DA IMAGEM DE MAU FALANTE :

2.1.1 - Ideologia do bem falar:

Friedman (1986) aponta para a existência de uma “ideologia do bem falar” que intervém nas relações de comunicação entre a criança e os outros que lhe são significativos (pais, professores, médicos etc), ideologia esta que não se cria apenas nas relações interpessoais particulares, nem se restringe a elas, mas é mais ampla, pertencente ao grupo social.

Esta ideologia mostra o quanto os indivíduos compreendem a gagueira como um estigma, o que os leva a não aceitar a forma de fala da criança, por julgá-la ser feia, errada, um sinal de defeito, ignorando as dificuldades naturais decorrentes do processo de aquisição da linguagem.

A “ideologia do bem falar” implica que os conteúdos construídos sócio-historicamente imprimem à criança o rótulo de gago, que marcará sua relação com os outros.

Ribeiro (1997) baseada nos trabalhos de Rocha (1986) e de Friedman(1996) faz o seguinte relato: “a gagueira é natural a todos nós, entretanto

muitas vezes ela é inadvertidamente julgada como imprópria pelos indivíduos. Esse tipo de julgamento indevido é feito com frequência por alguns pais e professores, e às vezes, também por médicos e fonoaudiólogos. Tal fato parece se dever, em parte, a uma visão idealizada da fala, segundo a qual ela não pode ter o menor sinal de quebra, interrupção ou hesitação. Esta imagem de uma fala que não contém gagueira é distorcida e está apoiada em valores sociais que vão sendo transmitidos aos outros por meio das relações de comunicação, e muitas vezes, motivam posturas inadequadas frente à mesma”.

Também a este respeito Gomes & Friedman (1996) relatam: “Vivemos numa sociedade em que as expectativas em relação à fala são compartilhadas por todos os falantes, com elevado grau de precisão e especificidade. Dentro dos limites de cada língua, o ouvinte espera encontrar um determinado padrão de articulação, de entonação, de ritmo e de movimentação corporal característicos à atividade de fala”.

Bloodstein (1958) confirma esta idéia ao concluir que o que é rotulado como gagueira, geralmente, é a resposta da criança às exigências “ideais” de comunicação da sociedade (Jakubovicz, 1983).

2.1.2 - A mensagem paradoxal:

O comportamento de não aceitação da forma de fala espontânea da criança manifestado a partir da “ideologia do bem falar”, gera nas relações de comunicação uma mensagem paradoxal.

Friedman(1986) explica que esta caracteriza-se por não permitir uma resposta adequada. Assim, é dada a criança uma mensagem estruturada que afirma algo : “fale”; e afirma algo sobre sua própria afirmação: “fale direito”, de tal

forma que as duas afirmações excluem-se mutuamente e o significado da mensagem é indefinível.

Pois ao solicitar da criança que ela “fale direito”, se está exigindo dela um comportamento de fala específica, que ao mesmo tempo não sendo especificado, coloca-a diante de uma exigência que está acima de suas possibilidades de execução, pois, conforme mostrou Malrieu a fala tem para a criança um sentido prático e social, e através dela ela vai, cada vez mais, podendo interferir e manipular no seu meio, ao mesmo tempo que afirma a si mesma inscrevendo-se nele. Não existindo, porém, por parte da criança uma consciência dos fatores concretos que envolvem a atividade do falar em si, como os movimentos articulatorios, a coordenação pneumofono-articulatorial etc .

Devemos ressaltar ainda, que numa interação deste tipo, geralmente estão envolvidas a criança e seus outros significativos (pais, professores etc), havendo uma forte relação de dependência física e/ou psicológica por parte da criança.

Neste contexto de forte ligação que a criança(o receptor) tem com o emissor(seus significativos) ela tenta obedecer a mensagem dada pelo último.

Friedman(1986)coloca ainda que a fala adequada se desenvolve em um contexto onde as relações de comunicação preservam a espontaneidade e reforçam a capacidade; quando estas impõem restrições à forma espontânea manifestada, reforçam a incapacidade e acabarão prejudicando o seu desenvolvimento natural.

Isto porque, como a própria Friedman (1994) descreve, a atividade de fala é uma atividade espontânea, e sua não aceitação leva a criança a interferir em sua produção, uma vez que ela deseja continuar se comunicando de uma forma que seja aceita pelos outros. E é nessa tentativa de realizar de modo planejado

comportamentos que são de natureza espontânea, que se impede a realização adequada dos comportamentos, como também dispara outros que não são planejados e desejados.

Boone & Plante(1994) confirmam esta idéia de paradoxo lançada por Friedman ao relatarem que: “Quando a criança experimenta reações negativas dos ouvintes, ela começa a lutar para eliminar as interrupções de fluência, mudando a palavra visada, franzindo os lábios, fazendo caretas, piscando os olhos, e assim por diante.

Mensagens paradoxais, geram comportamentos, igualmente paradoxais, levando o indivíduo a assumir o ponto de vista paradoxal, pois, ao tentar controlar o espontâneo para chegar a um padrão de fala que seja aceito pelos outros, ou melhor, quanto mais o sujeito tenta, menos consegue falar melhor do que já falou, o que irá desencadear novamente por parte dos outros novas reações de não aceitação, assim como ele novamente tentará interferir na sua fala espontânea. O indivíduo fica preso em um círculo vicioso, e seu hábito de fala torna-se assim, condicionado a esse mecanismo tensionador.

Irwin (1980), mesmo não conseguindo explicitar a dimensão psicossocial contida em seu texto, por ver a gagueira como algo orgânico, acaba por confirmar a teoria psicossocial, desenvolvida por Friedman, ao relatar o caso de Timothy:

” um menino de quatro anos de idade que apresenta um desenvolvimento de fala normal. Até que num determinado dia Timothy hesita um pouco mais do que o normal (considerando que todas as pessoas, principalmente as crianças pequenas, hesitam enquanto falam) e com alguma tensão. É claro que ele, ao contrário de sua mãe, não o percebe.

No outro dia, a mãe esquece-se de tudo, até a hora em que Timothy apresenta um leve sinal de tensão em uma de suas muitas palavras.

Após alguns meses, a tensão persiste e aí, a mãe tem “certeza” de que Timothy tem uma gagueira.

A mãe tenta, então, convencê-lo a parar com isso, e quando ele gagueja ela lhe diz: “Não tenha pressa”, “Respire fundo antes de falar”, ou “Por que você está falando assim?”.

Timothy que não havia percebido que fazia alguma coisa diferente, agora, quando gagueja um pouquinho e a mãe faz algum comentário, ele também começa a tomar consciência da sua gagueira.

Quanto mais ela se preocupa, mais ele se preocupa. Tenta então não “fazer isso”. Quanto mais tenta, mais “isso” piora. Ele acaba por fazer “isso”, porque “isso” existe, mas não pode fazê-lo porque deseja que sua fala seja agradável aos pais; quer a aprovação deles. Esse é o conflito. Aí está o início de uma verdadeira gagueira para Timothy que, agora, poderá nunca mais sentir os prazeres de uma comunicação fluente”.

2.1.3 - Formação de imagem estigmatizada de falante:

Vemos, então, que quanto mais o sujeito tenta, menos consegue resolver o problema que se sobrepôs a sua produção espontânea de fala, porque o problema é a forma como tenta resolvê-lo. Foi esse o movimento de consciência que Friedman(1994) encontrou na base da produção e manutenção de uma fala com gagueira, tendo sua origem gestada no padrão paradoxal de interação descrito acima. O movimento de consciência e o padrão paradoxal de interação, por sua vez, estão ligados ao desenvolvimento de uma imagem de mau falante.

Para entendermos como se desenvolve uma imagem de mau falante, não podemos deixar de abordar a relação entre o desenvolvimento da consciência e da linguagem, bem como o processo de construção da identidade.

2.1.3.1 - Desenvolvimento da consciência e da linguagem:

O desenvolvimento da consciência se processa em um contexto de relações sociais específicas, nas atividades práticas e de comunicação que se desenvolvem entre o indivíduo e o meio, e deve ser entendido segundo Alexis Leontiev (1959) como o processo pelo qual cada indivíduo reproduz em sua mente uma imagem “ideal”, na forma de reflexo consciente, seja do mundo objetivo que o rodeia, seja de si mesmo.

A linguagem desempenha um papel fundamental neste processo de desenvolvimento da consciência, pois reproduz não só uma visão de mundo, através dos significados das palavras articuladas em frases, como também os conhecimentos e os valores associados às práticas sociais que se cristalizaram.

Consideremos ainda o fato de que o desenvolvimento da consciência não termina num determinado momento da vida do homem, pois sempre são possíveis novas mudanças em torno dos valores e significações veiculados pelo meio social e assumidos pelo indivíduo como seus, impondo assim mudanças nos processos psicológicos subjacentes e, conseqüentemente, no comportamento dos sujeitos.

Segundo Lane (1992) os conteúdos da consciência, constituídos pela linguagem e pelo pensamento são as representações que o indivíduo tem de si mesmo, do meio ao seu redor, de suas atividades, das outras pessoas, do pas-

sado e do futuro, e esses conteúdos da consciência se manifestam através das representações que o indivíduo faz de seu mundo.

2.1.3.2 - Construção da identidade:

Consideremos agora, a construção da identidade, entendendo-a como parte do processo de desenvolvimento da consciência e da linguagem, como nos aponta Friedman(1994), e que acontece no contexto das relações sociais do grupo a que cada indivíduo pertence. O que significa que essa também está sujeita à determinação dos conteúdos das crenças e dos valores veiculados nas relações interpessoais, através das atividades práticas e verbais.

Segundo Ciampa(1996) o processo de formação da identidade decorre das relações sociais que o indivíduo vivencia. À medida que o indivíduo vai representando o mundo que o cerca, vai simultaneamente representando a si mesmo dentro desse mundo e desenvolvendo sua identidade, num processo constante de diferenciar-se e igualar-se aos outros. Para Leontiev (1975) este é um processo de subjetivação da realidade comum a todos os indivíduos, tendo como peculiaridade que para cada indivíduo, esse processo se reveste de um colorido pessoal, de tal forma que os significados sociais se transformam em sentidos pessoais (Ribeiro, 1997).

Tomando como base as considerações de Ciampa(1996) sobre a formação da identidade e de Leontiev(1975) sobre o processo de subjetivação, Friedman(1986) mostra que os efeitos da dupla vinculação, ou seja, os efeitos de interações que colocam a fala diante de um paradoxo, não geram apenas uma situação de conflito, onde emoções negativas e expectativa se associam à situação de comunicação e à atividade de fala, determinando um padrão de fala

alterado, mas, também, determinam o desenvolvimento de uma imagem de si como mau falante, que passa a caracterizar a identidade do indivíduo.

2.2 - A importância do professor neste processo:

Tal ruptura e cristalização de si como mau falante, segundo Friedman (1986), é possível já no quarto ano de vida da criança, onde surge a consciência de uma história pessoal, graças à sua tomada de consciência da realidade.

E, segundo Dinville(1993), é exatamente nesta faixa de idade, entre três e quatro anos, quando a criança começa a elaborar as primeiras frases, ou seja, no momento em que organiza a sua linguagem próxima do padrão esperado, ampliando também o contato com pessoas fora da família, que, a maioria das crianças (cerca de 50%) começam a apresentar com frequência repetições de sílabas e movimentos de hesitação verbal, que depois tendem a regredir, a partir do momento em que os meios de expressão se tornam suficientes.

Boone & Plante (1994) relatam que, ocasionalmente, todas as crianças que estão adquirindo linguagem experimentam interrupções em sua fluência verbal por estarem empolgadas, ou por poder haver uma interrupção na respiração e o padrão da fala parar momentaneamente, sem que estes tipos de repetições e revisões ouvidas possam ser classificados como comportamento de gagueira.

Sendo assim, como afirmam Luz & Campiotto(1996), é necessário que o meio escolar tenha conhecimento não só do processo de aquisição e desenvolvimento de linguagem, como também, dos distúrbios da comunicação. Uma vez que este tem um papel fundamental na vida da criança, pois é uma fonte riquíssima de informações e está constantemente estimulando a criança, que encontra-se num crescente desenvolvimento.

Para Launay & Borel-Maisonny (1986) a gagueira sofre mais influência em primeiro lugar na família e em segundo lugar na escola.

Considera-se, então, bastante pertinente, como aponta Chiquetto(1996), olhar para aspectos que fazem parte deste meio, e principalmente para o relacionamento professor-aluno, pois dentre todos os participantes do universo escolar é o professor quem tem um contato mais próximo e por um espaço de tempo maior com a criança.

Sendo o professor o principal mediador entre as diversas formas que a criança tem de compreender e se relacionar no espaço escolar.

2.3 - O professor frente à gagueira:

Chiquetto (1996), constatou que alguns professores parecem ter certa dificuldade em reconhecer uma gagueira, tendo como referência características isoladas, que podem ser facilmente confundidas com outras patologias ou mesmo com uma disfluência normal.

De fato, Luz & Campiotto (1996) ao investigarem junto a educadores quais dentre os distúrbios de linguagem eles tinham mais dificuldade em detectar a gagueira apareceu em terceiro lugar, perdendo somente para a deglutição atípica e para o distúrbio de leitura e escrita.

Quanto às atitudes que os professores apresentam diante de um aluno disfluente, Chiquetto (1996) constatou que estas são na sua maioria contraditórias, ou seja, ora parecem auxiliar a criança dentro daquilo que se descreve na literatura, e ora, embora bem intencionadas, são inadequadas para essa problemática, e acabam por confirmar a gagueira na criança.

Estas atitudes encontradas e que se opõem entre si, Chiquetto (1996) descreve como: “não corrigir, não completar, deixar falar normalmente e não interferir, e por outro lado, solicitar que fale devagar, corrigi-la, acalmá-la, pedir que fale calmamente”.

Porém os professores reconhecem que têm dúvidas quanto à maneira que devem tratar a criança que gagueja, ficando inseguros diante destas, como relata Chiquetto (1996).

Na pesquisa feita por Luz & Campiotto (1996), ficou constatado que a postura do educador frente a uma criança que gagueja foi considerada adequada em 55% das respostas.

Para Launay & Borel-Maisonny (1986) também a maioria dos professores adotam atitudes favoráveis em relação ao pequeno gago, como evitar as frustrações evitáveis, pedir às outras crianças da classe um comportamento compreensivo e amistoso em relação ao seu colega gago e etc. Porém admitem que outros professores, acabam não tomando estas devidas precauções, suscitando traumas emocionais perpétuos na criança, por provavelmente estarem sobrecarregados de alunos ou pouco informados sobre a gagueira.

Luz e Campiotto (1996) concluíram em sua pesquisa, que apesar de suas dificuldades, os educadores estão atentos ao desenvolvimento e à performance da criança, tendo a preocupação de orientar a família a procurar algum tipo de atendimento terapêutico, quando necessário.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Gostaria de ressaltar aqui alguns pontos de minha discussão teórica que considero de grande importância para a composição do tema proposto nesta pesquisa, e que, apesar disso, deixaram-me dúvidas quanto à clareza com que foram apresentados aos leitores, ou mesmo alguns, pela pouca evidência com que foram tratados no texto.

Falar sobre gagueira, ou aspectos que a envolvem, é quase sempre uma tarefa não muito simples, pela própria complexidade do tema. Porém, descobri que ao se tratar de abordar a formação da imagem de mau falante, esta tarefa torna-se ainda mais árdua.

Tentarei reforçar alguns conceitos tomando o cuidado para não tornar-me repetitiva ou redundante.

Gostaria de explicitar o papel do professor na formação da imagem de falante do seu aluno, que aliás foi o principal objetivo pelo qual desenvolvi esta pesquisa. Porém, para isso faz-se necessário ser feita antes uma revisão no processo de desenvolvimento da imagem de falante na criança, para chegar-se ao papel do professor neste processo.

Segundo Friedman(1994), a linguagem desempenha um papel fundamental no processo de desenvolvimento da consciência do indivíduo. Isto porque o desenvolvimento da consciência se processa a partir de atividades práticas e de comunicação, que se desenvolvem entre o indivíduo e o meio.

Com isso, devemos entender que as relações de comunicação desenvolvidas pela criança, irão formar ou transformar sua consciência, ou seja, a reprodução mental que ela tem do mundo objetivo que a rodeia e de si mesma.

Assim, representando o mundo que a cerca, a criança vai representando a si mesma como parte dele, desenvolvendo sua identidade.

Quando a criança é exposta a um tipo de relação de comunicação, esta gera não apenas uma situação de conflito, onde emoções negativas somadas a uma grande expectativa com relação à fala, determina um padrão de fala alterado, constituindo-se numa imagem de si como mau falante, que passa a caracterizar a identidade da criança.

Acredito que, como Friedman coloca, estas relações de comunicação desenvolvidas são determinadas por: uma “ideologia do bem falar” veiculada pelo social; e pela falta de conhecimento de que no desenvolvimento normal da linguagem infantil a fala com gagueira não é sinal de patologia. E nisto, nós fonoaudiólogos, temos nossa parcela de culpa.

Também como Friedman (1986) aponta, a existência desta “ideologia do bem falar” nos mostra que vivemos numa sociedade em que as expectativas em relação à fala são compartilhadas por todos os falantes, com elevado grau de precisão e especificidade.

Esta “ideologia do bem falar” acaba por interferir nas relações de comunicação entre a criança e seus pais, professores, médicos e etc, pois leva as pessoas a não aceitarem a forma de fala espontânea da criança, desconsiderando inclusive, as dificuldades normais que ela possa apresentar no período de aquisição da linguagem.

Estas relações de comunicação que são desenvolvidas, Friedman descreve como aquelas que colocam a fala da criança diante de um paradoxo, ou seja, estimula-se ou exige-se que a criança fale, e ao mesmo tempo, cobra-se dela um comportamento de fala específico, que não sendo especificado, coloca-a diante de uma exigência que está acima de suas possibilidades de execução.

Por ser a atividade de fala, como a própria Friedman (1994) descreve, uma atividade espontânea, sua não aceitação por parte de pessoas significativas para a criança leva-a a interferir em sua produção, uma vez que a criança deseja continuar se comunicando de uma forma aceita pelos outros.

E é nesta tentativa da criança, de realizar de modo planejado um movimento articulatório que no ato de fala é espontâneo, que se impede a realização adequada desses movimentos da fala, como também dispara outros que não são planejados ou desejados.

Tendo ,então, compreendido como se dá o processo de formação da imagem de falante na criança, fica mais claro para nós qual o papel do professor neste processo. Considerando, como a própria Friedman afirma, que o professor é um significativo importante na vida da criança, sendo ele também, como acrescenta Chiquetto, um participante ativo do universo infantil.

Assim, vimos como atitudes dos professores nas relações de comunicação com seus alunos, e principalmente, diante das alterações de linguagem que eles possam apresentar, irão influenciar seu desenvolvimento de linguagem, bem como, o desenvolvimento da sua imagem de falante.

É importante ressaltar, ainda, que no período pré escolar as crianças apresentam-se numa faixa etária em que a imagem de si como mau falante pode tomar uma forma mais concreta, visto que, nesta fase de sua vida, surge a consciência de uma história pessoal e da realidade que a cerca.

E é neste período que a criança está organizando sua linguagem, e por isso está mais suscetível a apresentar falhas em sua produção oral, geralmente caracterizadas por alterações na fluência. Assim ela está mais exposta a erros de julgamento, e portanto, às atitudes indevidas de seus professores diante de sua dificuldade de fala.

No que se refere às atitudes dos professores frente à gagueira, acabo por concluir que, apesar de Launay & Borel-Maisonny as considerarem em sua maioria favoráveis, estas são ainda bastante inadequadas e insatisfatórias. Baseada no que mostram as pesquisas de Chiquetto e de Luz & Campiotto, onde os professores demonstram muitas dúvidas e dificuldades frente à gagueira, não sabendo como agir diante dela, o que os leva a estabelecer relações paradoxais de comunicação com seus alunos.

Porém, sinto-me gratificada por constatar um grande interesse, por parte dos professores, em aumentar seus conhecimentos no que diz respeito às patologias de linguagem, e também à gagueira. Assim como, fico mais tranqüila ao perceber, que a maioria destes profissionais está atenta às alterações de fala de seus alunos, encaminhando-os, quando necessário, à uma avaliação adequada.

Fica, então, para nós fonoaudiólogos, a responsabilidade de darmos a estes profissionais, que como vimos são de grande importância, as orientações adequadas quanto à aquisição e ao desenvolvimento de linguagem da criança, bem como, de questionar a formação destes profissionais no que se refere à linguagem.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BOONE, D. R. & PLANTE, E. **“Comunicação Humana e seus distúrbios”**
Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

CHIQUETTO, M. M. **“ Reflexões sobre a gagueira: concepções e atitudes dos professores ”** em Pró-Fono Revista de Atualização Científica, vol. 8, nº 1, 1996.

DINVILLE, C. **“ A gagueira: sintomatologia e tratamento ”**. Rio de Janeiro, Eneliros, 1986.

FRIEDMAN, S. **“ Gagueira: Origem e tratamento ”**. São Paulo, Summus, 1896

FRIEDMAN, S. **“ A construção do personagem bom falante ”**. São Paulo, Summus, 1994.

GOMES, I. C. D. & FRIEDMAN, S. **“ Conversando com pessoas que manifestam a gagueira: Uma análise das reações subjetivas e objetivas na situação de diálogo com pessoas que gaguejam ”** em Tópicos em Fonoaudiologia (Vol. 3). São Paulo, Summus, 1996.

IRWIN, A. **“ Gagueira: uma ajuda prática em qualquer idade ”**. São Paulo, Martins Fontes, 1983.

JAKUBOVICZ, R. “ **A gagueira: teoria e tratamento de adultos e crianças**”. Rio de Janeiro, Antares, 1983.

LAUNAY, C. & BOREL - MAISONNY, S. “ **Distúrbios da linguagem, da fala e da voz na infância**”. São Paulo, Roca, 1986.

LUZ, S. R. M. & CAMPIOTTO, A. R. “ **Avaliação sobre as informações que o educador pré-escolar possui frente aos aspectos fonoaudiológicos**” em Pró-Fono Revista de Atualização Científica, vol. 8, nº 1, 1996.

RIBEIRO, I. M. “ **Análise da história de fala e dos processos terapêuticos de um indivíduo com gagueira: Estudo de um caso** “. Dissertação de Mestrado em Distúrbios da Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.